

## ADOLESCENTES: HERÓIS OU REFÊNS DO RITUAL DE PASSAGEM?<sup>1</sup>

**Ênio Brito Pinto**

psicólogo e psicopedagogo

Quando me propuseram que refletisse sobre o tema em epígrafe, reacenderam-se em mim antigas dúvidas e inquietações: o que é, de fato, um ritual de passagem? Qual sua função? Qual o sentido deste tipo de atividade nos dias de hoje? Seriam necessários rituais de passagem ainda hoje? E o que a adolescência tem a ver com isso?

Soma-se a estas questões a possibilidade de que se discuta se de fato precisamos ainda de um ritual de passagem ou se essa idéia – a necessidade de rituais de passagem – é apenas um saudosismo, uma cristalização de uma crença que não tem mais sentido em um mundo desenvolvido e globalizado como o mundo ocidental.

Então, nesta retomada das reflexões sobre os rituais de passagem, lembrei-me de que na minha dissertação de mestrado tratei do tema em um determinado trecho do trabalho. Voltei lá para ver o que tinha pesquisado. Meu raciocínio seguia na linha da importância simbólica dos rituais de passagem e de seus efeitos na sexualidade humana. Falarei disso daqui a pouco.

Quis pesquisar um pouco mais, de maneira que, além de lançar mão de algumas leituras e releituras, resolvi dar uma navegada pela internet, buscando algo que me pudesse subsidiar nesta abordagem do assunto que faço agora. O que encontrei me espantou: a julgar pela amostra que tive, parece que quase tudo pode ser encarado como um ritual de passagem. Páscoa, início da vida sexual, vestibular, 11 de setembro, piercing, formatura na faculdade, fumar, rompimento de namoro, treinamento na empresa, tirar carta de habilitação, sonhar, gravidez, enfrentamento de dores, trotes, grafites, intercâmbio, casamento, masturbação, aumento de hormônios, a quinta série, e por aí afora são inúmeros os exemplos de situações e/ou vivências que poderiam ser definidos como rituais de passagem.

Observando o resultado da pesquisa na internet, logo me veio uma hipótese: estamos banalizando o ritual de passagem. Se tudo pode ser ritual de passagem, então ou estamos em uma sociedade excessivamente ritualizada – o que, obviamente, não é o caso – ou estamos banalizando demais os rituais.

---

<sup>1</sup> Publicado em Sampa GT – Revista do Instituto de Gestalt de São Paulo, São Paulo, v. 01, p. 52-57, 2004

No mínimo os estamos compreendendo mal. Quando tantas coisas podem ser encaradas como um ritual de passagem, é sinal claro de que nenhuma delas está efetivamente facilitando passagens significativas.

Então, neste nosso começo de conversa, quero deixar claro a que me refiro quanto comento sobre um ritual de passagem. É preciso que, inicialmente, a gente procure entender o que é que pode ser chamado de ritual de passagem.

Antes de tudo, ele é um mecanismo cultural, típico de uma determinada sociedade. É um mecanismo de inserção cultural com evidentes efeitos psicológicos coletivos e individuais. Embora envolva seres individuais, o ritual de passagem é um processo que emana e tem sentido principalmente no coletivo. Além disso, ele, o ritual, tem relevante significado simbólico. É a transição do natural para o cultural. É a simbolização do natural pelo cultural. É a apropriação e é a compreensão pela cultura de alguma mudança natural ocorrida em um determinada pessoa ou em um determinado grupo de pessoas. Por exemplo, há um ritual de passagem que podemos encontrar em praticamente todas as culturas humanas, o da inserção da pessoa recém-nascida na sociedade. Raramente paramos para pensar nisso, raramente nos damos conta disso, mas é provável que em nenhuma sociedade conhecida a criança seja considerada um membro completo da coletividade apenas por ter nascido: são necessários procedimentos simbólicos que a incorporem e lhe garantam um lugar particular no sistema social. Esses procedimentos envolvem desde a atribuição de um nome até, dentre inúmeros outros exemplos, a atribuição de papéis de gênero, possibilitando, desta forma, que a criança possa nascer também socialmente.

Quando uso este exemplo de ritual de passagem, imediatamente me dou conta de que isso quer dizer que ainda temos, sim, rituais de passagem. Que bom! Então eles ainda existem e ainda têm uma função e uma importância na vida das pessoas. Certamente são diferentes hoje em dia, mas ainda existem. Aí me vem outra dúvida: se existem, marcarão as mesmas passagens? Ou haverá alguma inovação de nossa cultura?

Tradicionalmente, os rituais de passagem eram marcos de grandes e profundas mudanças na vida social: nascimento e morte propriamente ditos eram seus temas, além de alguns nascimentos e de algumas mortes a que estamos sujeitados durante o correr da vida. Já citei o exemplo de ritual de nascimento e agora me lembro de ritos fúnebres, também estes presentes em praticamente todas as sociedades humanas. Nas sociedades, digamos assim, “primitivas”, há entre estes dois rituais, o que celebra o nascimento e o que cultua a morte, um outro ritual especialmente importante, que denota o abandono da infância e o ingresso na vida adulta, com suas especificidades referentes ao masculino e ao feminino. De uma maneira geral, com poucas variações de cultura para cultura, para as mulheres esse ritual se segue à menarca, a

primeira menstruação; para os homens, as mudanças de corpo e de voz são os indicativos da necessidade de algum ritual que confirme e valide socialmente as mudanças naturais. Isso nas sociedades “primitivas”. E na nossa evoluída cultura ocidental? Temos ainda algum ritual de passagem da infância para a vida adulta?

São muitos os teóricos que reclamam de uma falta na sociedade ocidental de rituais de passagem, notadamente do ritual de passagem da infância para a idade adulta. Ana Frota, por exemplo, em sua rica tese de doutorado na qual faz uma compreensão fenomenológica da adolescência, analisa que

(na Grécia antiga) a transição entre juventude e maturidade era facilmente percebida, uma vez que estava diretamente relacionada à conclusão do período de treinamento para ingresso na vida pública, pois publicamente testemunhado como ritual de passagem. O mesmo não acontece hoje, já que não existe uma demarcação tão clara da passagem da infância para a adolescência e nem da adolescência para a adultice. (Frota, 2001, p. 44)

Alberto Pereira Lima Filho em sua obra sobre o pai e a psique também se queixa da falta de ritos de passagem para a idade adulta no mundo contemporâneo e comenta sobre o perigo de uma estruturação indevida da consciência por causa desta falta (Lima Filho, 2002, p. 218).

Tenho pensado muito sobre este tema e levantei uma hipótese que trago aqui para que possamos discutir um pouco sobre ela. É óbvio, mas não custa alertar, que, em função do pouco espaço de que disponho agora, não poderei desenvolver agora em todos os detalhes que ela merece a hipótese que trago. Se eu conseguir fazer vocês pensarem sobre a plausibilidade dessa minha idéia já estarei satisfeito.

Esta hipótese se assenta em uma afirmação de Phillip Ariés (“o século XX é o século da adolescência” [Ariés, 1978, p. 46]) e em uma premissa: a adolescência é um fenômeno temporal e cultural. Ou, nas palavras de Frota,

a juventude grega, romana, fascista italiana e alemã, a juventude operária francesa, a juventude *hippie* e *beatnik*, os adolescentes brasileiros, todos eles vivem esse momento existencial com peculiaridades e particularidades ímpares, decorrentes de um estar no mundo naquele tempo e lugar. Desse modo, não posso falar do adolescente sem compreender o contexto histórico, econômico e cultural no qual ele vive, uma vez que a esse contexto são atribuídos significados sociais que geram identificações ao grupo adolescente, sentido esse que volta a promover re-significados. (Frota, 2001, p. 65)

Isto posto, posso continuar, afirmando que minha hipótese é de que temos, sim, um ritual de passagem da infância para a vida adulta. É um ritual que se tornou mais complexo e que se dá no correr de vários anos, um ritual ao qual damos modernamente o nome de “Adolescência”. De uma maneira geral, a

exemplo das sociedades “primitivas”, a menarca e as mudanças corporais e de voz – em outros termos, a puberdade – dão a partida para o ingresso no ritual. Diferentemente das sociedades “primitivas”, porém, essa passagem não se dá a partir da superação de umas poucas – ainda que difíceis – provas no correr de uns poucos dias ou meses. A passagem da infância para a vida adulta em nossa cultura é tão complexa que precisa de anos para que se dê. Precisa de cada vez mais anos. É uma viagem de Ulisses, uma Odisséia.

Em outros termos, o que estou dizendo e defendendo é que, embora tenhamos perdido isso de vista, o Ocidente criou a adolescência como um ritual de passagem. E fizemos isso porque nossa cultura revestiu-se de uma complexidade tal que acabou por exigir tarefas muito mais complexas e difíceis para que o jovem e a jovem possam ser considerados adultos. Um das principais motivos para que a sociedade ocidental criasse esse ritual tão longo é econômico: com o desenvolvimento da industrialização, pôde-se prescindir da mão de obra jovem no mercado de trabalho, o que possibilitou aos jovens mais tempo para se dedicarem à formação profissional. Soma-se a isso o fato de que, com o desenvolvimento de novas e cada vez mais sofisticadas tecnologias, cresce também a exigência de que o jovem se aperfeiçoe cada vez mais. Soma-se a isso também o fato hoje de os pais poderem manter por mais tempo seus filhos sob sua tutela, pois o tempo de escolarização cresceu. (*cf* Frota, 2001, p. 64)

Há aqui um detalhe que quero deixar o mais claro possível: a juventude sempre houve na história do Ocidente<sup>2</sup>. Acredito, inclusive, que algumas características básicas da juventude estão presentes em toda a história ocidental, mundo globalizado e pós-moderno inclusive. No entanto, a adolescência é uma criação muito recente, possivelmente do século passado, no máximo do fim do século XIX, segundo Ariés. Não pensem que estou fazendo jogo de palavras. Estou apenas tentando trazer para a figura aquilo que está no fundo: a adolescência enquanto período de transição da infância para a idade adulta é criação muito recente e, no meu modo de ver, cumpre para os jovens a mesma função que, por exemplo, as provas de caça a que os jovens eram submetidos na Grécia antiga. Em outros termos: a adolescência é um rito de passagem.

Temos uma certa dificuldade em reconhecer na adolescência da forma como ela acontece em nosso mundo ocidental um ritual de passagem porque ela, a adolescência, é muito longa e anda esticando ainda mais. Quando estudamos a percepção humana aprendemos que um estímulo constante perde sua característica de estímulo e deixa de ser percebido. Quando colocamos um chapéu, por exemplo, durante um curto tempo nós o notamos em nossa cabeça, mas rapidamente ele desaparece de nossa percepção para

só voltar quando nos lembramos dele ou quando o vento o arranca de nossa cabeça. Assim tem sido a nossa percepção cultural da adolescência: sem percebermos, sem explicitarmos, nós a criamos como um caminho de passagem da infância para a idade adulta, um rito de passagem em um mundo cada vez mais complexo e que cada vez exige mais tempo para que as pessoas possam de fato tornarem-se adultas. Tanto tempo, que acabamos por não notar que há um rito.

Na maioria das culturas “primitivas”, logo após a menarca a menina é isolada da comunidade e passa por uma série de situações que visam introduzi-la no mundo das mulheres. Este período de isolamento varia de cultura para cultura, mas, de forma geral, não passa de alguns dias, após os quais ela passa a ser tratada e a se sentir como mulher e passa a exercer o papel social de mulher. Tenho certeza de que eu poderia contar para vocês em menos de cinco linhas quais são as expectativas sociais sobre o que é ser mulher nessas sociedades “primitivas”. Duvido, porém, que alguém me descreva em cinco páginas o que se espera socialmente de uma mulher no mundo ocidental a partir da segunda metade do século XX. Nossas meninas precisam de muito mais tempo e de muito maior aprendizagem para se tornarem mulheres que as meninas tupi. Nossas meninas precisam da adolescência para se tornarem mulheres. O mesmo raciocínio vale para nossos meninos.

Alberto Pereira Lima Filho (1997) designa a adolescência como ponte que une dois continentes, o da infância ao da idade adulta. Da maneira que entendo essa imagem, um dos motivos para se chamar a adolescência de ponte é o fato de ela, proporcionalmente, ser menos duradoura que as outras fases da vida humana. Outro motivo, penso eu, é o fato de a adolescência ser um fenômeno eminentemente cultural. O fenômeno natural é a puberdade, as diversas mudanças corporais que se dão em um curto período e que marcam a passagem do corpo infantil para o corpo adulto. Assim como o simples fato de vir à luz não garante a inserção cultural, também somente as mudanças corporais pubertárias não garantem o acesso à vida adulta. Há que se cumprir exigências simbólicas, há que se haver com uma série de aventuras e de obrigações. Esta é a função da adolescência e é por isso que a adolescência pode ser entendida como um ritual de passagem, um extenso e rico ritual de passagem. De certa maneira, a adolescência é um produto de uma cultura, como uma ponte; é um fenômeno exclusivamente humano, como uma ponte. É passagem, como uma ponte. Simbolicamente, é mais do que uma ponte, como uma ponte.

Isto posto, volta-me uma questão que julgo importante: podemos mesmo chamar a adolescência de ritual? Potencialmente, a resposta é sim. Na prática da cultura ocidental, a realização deste potencial tem trazido uma série de problemas, alguns dos quais comentarei adiante. Um ritual pretende facilitar

---

<sup>2</sup> Refiro-me somente ao Ocidente porque me parece que seria perigoso denominar de juventude ao período cronológico semelhante em termos de idade vivido por integrantes de algumas sociedades mais “primitivas”, os quais passam diretamente de

travessias, demarcar transições e, de certa maneira, oficializar a inserção cultural de cada pessoa (cf Lima Filho, 2002, p. 210). O fenômeno adolescência foi construído para que se facilitasse aos jovens, homens e mulheres, a travessia de um período que é, emocional e cognitivamente falando, crítico; foi criado no Ocidente como demarcação da transição que se espera dos jovens. A adolescência tem como função facilitar às pessoas o ajustamento criativo e a conquista de uma inserção e de um posicionamento cultural. A adolescência é um construto que delimita mudanças de fronteiras e realça necessidades de lidar com mortes e nascimentos. É, portanto, um ritual, ainda que de duração cada vez maior.

Colocada minha hipótese e desenvolvida parte da argumentação que a justifica, quero agora me dedicar à pergunta proposta no princípio deste texto: adolescentes: heróis ou reféns do ritual de passagem? Minha resposta é a mais gestáltica possível – eu troco o *ou* pelo *e*. Adolescentes, heróis *e* reféns do ritual de passagem.

Vou comentar um pouco sobre os reféns, para depois me ater aos heróis. É que aparentemente os reféns são mais fáceis de serem encontrados que os heróis.

Há um grande desafio lançado aos adolescentes de hoje: como serem mais solidários e terem mais consciência política numa sociedade que os torna reféns, que os aprisiona nas douradas celas do consumismo, da alienação, do apelo sutil e insistente pelas drogas e pelo narcisismo, numa sociedade na qual o fenômeno da globalização universalizou e referendou a “lei de Gerson”. Quando colocamos a moral e a ética social sob a tutela da indústria do consumo, romper com isso é tarefa extremamente difícil. Em grande parte, essa dificuldade se deve a uma mudança no centro de referência: ao invés de as pessoas se orientarem por si e pela sua auto-percepção crítica, a mídia passa a dar a orientação e a influenciar demasiadamente as escolhas. Assim, “se a ética da modernidade drena o potencial revolucionário e criativo da juventude, como esperar que os jovens modernos possam dar um sentido à própria existência e ao mundo?” (Frota, 2001, p. 61)

Como esperar que os jovens modernos possam dar um sentido à própria existência e ao mundo? Uma possível resposta à angústia de Frota, que é também a minha angústia e a angústia de tantos que lidam mais diretamente com o adolescente, é a seguinte: Entendendo que eles são heróis. São heróis de um rito de passagem do qual são também reféns.

O Ocidente, ao criar a adolescência, propiciou aos jovens um espaço no qual eles pudessem se desenvolver melhor e mais protegidos, preparando-se para agirem no sentido de, da melhor maneira que pudessem, tornar o mundo melhor. Esta mesma sociedade ocidental, no entanto, armou-se de uma

ideologia que, segundo o saudoso Milton Santos, é “perversa e fundada na tirania da informação e do dinheiro” (Santos, 2000, p. 15). Nesta ideologia, os adolescentes tornaram-se reféns da falta de cuidado, da falta de responsabilidade, do autoritarismo que substitui e renega a autoridade, da omissão que nega a mão orientadora, delimitadora e suportadora. Tornaram-se reféns de uma secularização exagerada. Responderam com violência, às vezes com muita violência, com medos, medos imensos; responderam, ao menos em parte e atendendo a um apelo da publicidade, com uma banalização assustadora da sexualidade e da afetividade. Mas não ficaram apenas nestas respostas, pois eles são heróis também. No Brasil, foram importantíssimos na derrubada de um presidente corrupto; no mundo são o principal fermento no incremento de ONGs pacifistas e ambientalistas; mudaram e ainda estão mudando, na maior parte para melhor, a qualidade de ser homem e de ser mulher, a qualidade de serem seres sexualizados e capazes de amar. Em toda parte há jovens respondendo à tirania da informação e do dinheiro com sentimento, com coração e com esperança, com uma honesta luta por poder tomar posse amorosamente da própria existência. Em todo mundo há jovens lutando pelo resgate do valor sagrado da existência, pelo resgate da solidariedade. São jovens de fé.

Ao criar a adolescência, o Ocidente se esqueceu de que um rito de passagem tem que ter uma característica sem a qual perde a identidade, tem que ser uma forma de contato com o sagrado. Sem o sagrado fica mais difícil adultecer. Talvez seja esta falta, a do sagrado, possibilitada pela excessiva secularização do Ocidente, o que mais tem feito muitos adolescentes reféns de uma imaturidade violenta, drogada, perniciosa e persistente.

Para se tornar herói de fato, para se tornar aquele que conquista o direito e a posse da própria existência, para se tornar aquele ser adulto que é capaz de influir positivamente no mundo, é mister que o adolescente possa alcançar a fé. Note que falo de fé, não de crença em dogmas religiosos - a crença pode ser a forma de substancialização da fé para algumas pessoas, mas ela não é a fé. Às vezes, até pelo contrário, a crença encobre a ausência de fé, na medida em que a crença pode dar parâmetros externos à pessoa, parâmetros esses que nunca alcançarão a qualidade dos parâmetros internos que a fé propicia.

Não falo da fé em determinado deus ou deuses, que este é o terreno da crença. Falo da fé na vida, da fé no significado da presença de cada pessoa em sua circunstancialidade histórica, física e cultural. Falo da fé na riqueza que a vida de cada pessoa representa para a Vida. Falo da fé que abre o coração para o amor, para a troca, para o contato o mais pleno possível consigo mesmo, com o Outro e com o mundo.

## Referências bibliográficas

- ARIÈS, Philippe, *História social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981
- FROTA, Ana Maria Monte Coelho. *O Desalojamento e a re-instalação de si-mesmo: uma compreensão fenomenológica da adolescência*. Tese de doutoramento apresentada na USP em 2001
- LIMA, Alberto Pereira Filho. *Brincadeiras Selvagens: Problema Nosso*. São Paulo: Oficina de Textos, 1997
- \_\_\_\_\_, *O Pai e a Psique*. São Paulo: Paulus, 2002
- PINTO, Ênio Brito *Orientação Sexual na Escola – A Importância da Psicopedagogia Nessa Nova Realidade*. São Paulo: Editora Gente, 1999
- \_\_\_\_\_. *Sexualidade – um bate-papo com o psicólogo*. São Paulo: Paulinas, 2001
- SANTOS, Milton. *Por uma Outra Globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000